

## ENTENDER A RESISTÊNCIA NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COMO ACÇÃO INSCRITA NA IRRADIAÇÃO DE POSSIBILIDADES A PARTIR DO VIVIDO PELO '4EI\_EA'

Quanto a chuvas, como também quanto a  
muita coisa, o mundo está mal dividido.

— MANUEL LOPES, Chuva Braba, 1955.

... escrever um texto colado à avalanche emocional que inundou todo o grupo de participantes no '4ei\_\_ea', em Cabo Verde, mesmo para mim que frequento há mais de vinte anos este país, torna forçosamente essa escrita distante dos espaços de reflexão académica e permite-lhe assumir o sabor do improvisado, da desordem do vento, da dor pelo mundo desigual e do otimismo dos sorrisos que nos cercaram. Assumo, assim, este texto como uma caminhada pela montanha em direcção a uma nascente tão longínqua que regista a sede e a aridez da terra, a teimosia dos burros que não se cansam da lide constante e da carga de água que suportam, e também como

de uma subida íngreme que aproxima o sublime, o silêncio, a dimensão infinita da tenacidade dos pastores que nos acompanharam.

Toda a tentativa de reflexão racional esbarra com a imagem da imensidão do espaço vazio que o Planalto apresenta e com o ecoar das vozes ternas das mulheres e dos homens, a imagem da presença silenciosa das crianças e a timidez dos jovens, que, no seu olhar silencioso nos evidenciam a sua resistência à impossibilidade. Eles que nos receberam como uma dádiva e nos facultaram os seus saberes ancestrais como o do uso da 'pedra rala', os conhecimentos construídos como os da preservação da água, do uso inteligente da pouca electricidade produzida pelo sistema fotovoltaico, da 'cura' do queijo, ou do modo endógeno como gerem a cooperativa e os bens comuns. E nos mostram a plenitude do estancar da voragem do tempo que a contemplação na montanha faz renascer, mesmo aos que apenas sabem lidar com a desorientação do tempo comprimido.

O homem de Cabo Verde encontrou-se perante uma alternativa histórica: emigrar ou lutar — PAIGC, 1974, p. 13

Na minha memória reavivam-se as rela-

---

<sup>1</sup> Investigador izADS / FBAUP.

ções antigas que estabeleci com Cabo Verde, com a militância anti-colonial, na luta de libertação nacional e de independência da Guiné Bissau e de Cabo Verde, com as aprendizagens de Amílcar Cabral que me moldaram o perfil político, com a tenacidade do povo que se assumiu como País Independente conhecendo a escassez de recursos, a pobreza imensa da população, a estranheza internacional por esta opção, mas também soube ler a exaltação da cultura construída, a vontade e a determinação pela liberdade.

A universalidade significa correr o risco no sentido de ir para além das certezas fáceis que nos são fornecidas pelas nossas circunstâncias, pela língua e pela nacionalidade, que tão frequentemente nos protegem da realidade dos outros — SAID, 1993, p. 16

Assim, inebriado pela fresca memória que se entranha como o frio húmido da noite do Planalto Norte, enfrento a interrogação de sempre, da razão porque me desloco do meu lugar para o enfrentamento com realidades outras, onde o meu terreno, da arte e da educação artística, não encontra relevância. E aí sei porque não encontro nenhuma vocação em ser portador da intromissão da arte nestas longitudes, reconhecendo que minha deslocação apenas tem sentido na escuta que se propicia, nas possibilidades que me são oferecidas de melhor me entender como um perdido cidadão neste imenso, diverso e desigual, mas

mesmo mundo, onde numa profunda lentição, o sublime tem finalmente sentido.

A dificuldade de entender o crioulo local, desfoca minha escuta obrigando a redobrada atenção, concentração plena na diferença que habita o outro, olhar frontal para quem está por onde me desloco.

Porque, como mesmo ele diz, quando encontramos um açafraão num jardim, o criticaríamos por não ser uma palmeira? — BLANCHOT 1959, p. 251

Porém a dimensão do problema que me aflora, que luta para ganhar forma no desenrolar da escrita, assume outra dimensão, porque o contexto preciso desta minha deslocação ao Planalto e a Cabo Verde pertence a um 'IV ENCONTRO INTERNACIONAL sobre EDUCAÇÃO ARTÍSTICA', na companhia de investigadores, professores e estudantes de arte, portadores de repertórios distintos mas concentrados em entenderem as possíveis relações entre as comunidades que visitámos, com cada um dos participantes e com uma escola de arte (M\_\_EIA) que também participa na construção do futuro dessas populações.

O '4ei\_\_ea' desafiava a discussão da possibilidade de se '*promover um projecto político educativo, no terreno do ensino superior artístico, num pequeno e recente país, no meio do Oceano Atlântico, que não replique as insuficiências e incongruências dos modelos educativos do Norte/Ocidente*'.

Naturalmente o encontro propiciou intensa discussão em volta da complexidade dos questionamentos que, no presente, a educação artística comporta em si e naquele contexto preciso, vivenciado de modo inebriante, pela franqueza com que a escola se apresentou, pela presença e participação de estudantes e professores, pelos sabores, cores e aromas colhidos, pela amplitude de relações que patrocinou.

Torna-se deslumbrante o modo como o M\_\_EIA se assume como campo de experiência, utopia que persegue uma política de formação contextualizada e enraizada no território, e sem que se projecte para a reprodução do existente, mas para lhe criar dissonâncias, onde o mergulho na realidade e o diálogo com ela e com as populações confira ao próprio processo de formação, espaço de interferência, relacional, endógena e sustentável. O encontro mostrou essa dimensão política e lidou com as fragilidades inevitáveis a uma instituição não oficial, reconhecida pelo poder público mas não apoiada, recém-criada e com um corpo docente jovem e circulante. Mas mesmo assim, descontente com o aprisionamento do processo educativo em métodos fabricados, decide sair para as 'comunidades' para aí tecer a essência do seu processo de aprendizagem, arriscando no limite da utopia a sua serenidade.

Sem apressamentos de querer chegar, antes com a persistência cultural de quem arrisca semear sabendo que a chuva provavelmente

te não cairá, de quem não tem de dominar o futuro e o preconfigurar, nesse caminho quase de adivinhação e sem estabelecer resultados esperados, assim se desenrola uma experiência política pedagógica, frágil, inconsistente talvez, mas guerreira.

Este tênue fio de irreverência e risco, desta frágil instituição, permitem questionar as razões da incapacidade de nas antigas e poderosas escolas do 'Norte/Ocidente' se criarem graus de interferência que lhes altere o sentido reprodutor e lhes confira a força da desobediência crítica, que permita desencadear novos entendimentos e acções no campo da arte, e sobre o mundo. Porque questionamos pouco a nossa própria impotência?

... parecia que os pobres contavam uma história na presença dos ricos e outra bem diferente quando estavam entre as pessoas da sua condição. Também os ricos falavam com os pobres de uma maneira diferente do que fazem entre si — SCOTT, 1992, p. 15

A comunidade do Planalto Norte, localizada no mais remoto e árido lugar da Ilha de Santo Antão, é constituída por uma população dispersa no território, entregue à luta pela sobrevivência através da pastorícia e da produção de queijo, enfrentando condições climáticas adversas e uma escassez extrema de água, que obriga a longas e constantes caminhadas pela montanha para um abastecimento parco e sempre insuficiente. O modo de vida árduo acentua a concentração nos

elos familiares e a lonjura de tudo estabelece o isolamento e naturaliza a solidão. O entendimento construído de um devir comum, de um destino partilhado, da força cooperativa que tem proporcionado melhoria nas condições de vida, estabelece um sentido de comunidade valorizada pela singularidade dos seus membros e pela complexidade da confrontação que a vida instala.

Desde há uns tempos a presença constante no Planalto de Leão Lopes, responsável pelo Atelier Mar (ONG, S. Vicente) e reitor do M\_\_EIA e (até fevereiro do corrente ano) Deputado no Parlamento de Cabo Verde, eleito por Santo Antão, de onde é natural, fomentou um relacionamento intenso com a população, em volta da vida e da luta pela vida, que foi sendo alargado a estudantes e professores do M\_\_EIA. Decorre deste relacionamento o eclodir de possibilidades que a população foi determinando de ‘acções de desenvolvimento’, que vieram a originar ‘actos’ e ‘obras’. Foi nascendo uma cooperativa de consumo (Cooperativa Resistência do Planalto Norte), que hoje vai alargando progressivamente a sua área de acção; foi construída uma grande cisterna de armazenamento das águas da chuva, usando tecnologias de construção e mão-de-obra não dispendiosa e decorrente do território; ensaiaram-se modos de cura dos queijos locais possibilitando a sua comercialização ‘nas cidades’; prepara-se a vida da ‘casa da criança’. Não são realizações da escola, mas desenrolaram-se no diá-

logo partilhado, sendo feitos relevantes que beneficiam directamente a população, contribuindo para o auto-reconhecimento das capacidades de ‘resistência’ ao infortúnio e de partilha de um devir de comunidade.

A identidade constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se segundo as situações. Está em movimento incessante; cada transformação social leva-a a reformular-se de maneira diferente — CUCHE, 1999, p. 137

A bonomia do relacionamento entre a população, a alegria e a *morabeza* com que inundaram o grupo de ‘invasores’ da sua quietude usual, impressionam quem não entende a tenacidade da caboverdianidade, o modo como se enfrentam os desafios e como se persiste sempre face ao fracasso, à repetida falta de chuva que anula a colheita repetidamente semeada. Mais imprevisível é a sua abertura ao externo, a ausência de estranheza pela diferença, a disponibilidade para ouvir e a argúcia em aprender.

Como os utensílios, os provérbios ou os discursos, são marcados por usos; apresentam à análise as marcas de atos ou processos de enunciação; significam as operações de que foram objecto, operações relativas a situações e encaráveis como modalizações conjunturais de enunciado ou da prática; de um modo mais lato, indicam portanto historicidade social na qual os sistemas de representações ou de procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como

Nesse chão poeirento, partilhado por ‘investigadores’ e pastores, pode tornar-se visível a simplicidade, a presença do real, o primordial do acontecimento, a indissolúvel ligação da utopia ao fazer. A nova ordem relacional introduzida pela cooperativa ‘Resistência’ na fragilidade das vidas locais, clarifica a necessária vinculação do pensamento à acção, permite esclarecer como a presença do tempo, o seu decurso, o uso da lentidão, possibilita o respirar dos desejos e anseios partilhados, o desenhar soluções comuns.

O envolvimento da M\_\_EIA nesta comunidade, como noutras semelhantes, só pode ser de aprendizagem, da oferta aos estudantes e professores de uma convivência inquietadora, do desafio da sua deslocação para a ‘diferença’, para a sua escuta.

Há aqui uma qualidade relacional distinta, que separa ‘quem’ para lá se desloca de uma qualquer intencionalidade de promover o que quer que seja, a arte ou a intervenção, para um posicionamento de acompanhamento, de espera por uma confiança que estabeleça uma pertença e possibilite a cumplicidade na acção/pensamento. Por isso tem importância profunda o dormir lá, o estar, a demora, a atenção, o percorrer o caminho da ida à nascente.

O conhecido provérbio africano que diz que “a Terra não foi o que herdámos dos nossos antepassados, mas sim aquilo que pedimos emprestado aos nossos filhos” não deve ser utilizado contra os que o inventaram, recusando-lhes o direito ao desenvolvimento, quer dizer o direito a um domínio sempre crescente, quer do seu próprio destino, quer do mundo que os rodeia — BRUNEL, 1997, p. 69

Talvez não seja suficiente este entendimento ‘do problema’, porque se trata de uma escola de ‘arte’. Reconheça-se que a M\_\_EIA se funde com uma ONG (Atelier Mar) que sempre se moveu no território do desenvolvimento partilhado com as populações que lideram os processos experienciados, entendendo-os no plano da cultura e do político. A natureza do M\_\_EIA não o vincula a nenhuma estratégia de criação de artistas, de genialidades ou de alimento do ‘mercado’, mas, outrossim, lugar de partilha de aprendizagens onde se estimula uma formação artística plural e a-disciplinar, lugar onde se persegue a possibilidade de formação de interventores futuros no complexo tecido social de Cabo Verde.

Tomando como exemplo o curso de arquitectura, não teria sentido num contexto de impressionante carência habitacional e de desorganização urbana, formar arquitectos que apenas poderiam ter emprego ao serviço da especulação imobiliária e da degradação urbana que em defesa do ‘desenvolvimento’

e da 'criação de emprego' vai tornando sufocante as cidades e a costa. Mas tem pleno sentido formar arquitectos que entendam as necessidades de 'assentamento' urbano das periferias e saibam desenhar 'cidades habitáveis', que conheçam os modos e saberes populares de construção e as necessidades das populações e se tornem intervenientes na definição de políticas públicas e de auto-organização local. No mesmo sentido se poderiam referir os designios do curso de design e de artes plásticas, ou de 'formação de professores', de 'técnicos de construção civil'. Este entendimento determina o desenvolvimento do projecto educativo e implica a organização académica onde o mergulho nas realidades, a discussão profunda das contradições e complexidades da vida das populações, das políticas públicas, dos interesses gananciosos em jogo, assumam espaço preponderante a partir de onde se estabelecem as aprendizagens da 'arquitectura' e do 'arquitecto'. Nesse sentido o projecto político do M\_\_EIA funde o seu dia-a-dia com o contexto, desvia o móbil da produção de arte para a intervenção social e cultural, ancorando-o no pensar/fazer artístico.

Solo cuando reconozcamos esta dimensión de 'lo político' y comprendamos que la 'política' consiste en domiñar la hostilidad y en ententar distender el antagonismo potencial que existe en las relaciones humanas, podremos plantearnos la cuestión fundamental de la política democrática — MOUFFE, 2007, p. 19

Regularmente vou trabalhar para o M\_\_EIA, escola de arte onde me inscrevo desde a sua génese, e, nessas alturas, a distância que percorro da minha escola de arte no Porto (FBAUP) permite afastar-me da sua arquitectura académica, da sua falência enquanto potência de um mundo por vir, para um terreno disponível, aberto, decorrente das dinâmicas que se consigam estabelecer, não vinculada a modelos organizacionais de estabelecimento de relações de poder. Essas deslocações correspondem sempre a um ciclone na minha vida, desorientação plena, originado pela perda das construções naturalizadas no meu quotidiano, enfraquecimento da clareza crítica com que analiso o contexto onde vivo, para um lugar 'outro' e o 'mesmo', onde 'o que se faz', a negociação com a fragilidade do 'real', a escancarada porta por onde 'tudo' se pode fazer e pensar, se constituiu como um florir de sonhos e o pesadelo da impotência e da incapacidade de 'transformar' o existente e de 'realizar'. O desejo de exercício do poder da autoridade que a idade e a aceitabilidade me conferem, precisa então de ser compreendido e suspenso e substituído pela audição, pela demora, face ao entendimento de que tempo e escuta são precisos, e de que as 'respostas' serão sempre as 'respostas' que os 'envolvidos' sejam capazes de traçar, a partir de suas inquietações, dos seus movimentos, partilhados ou solitários. Estabelece-se nessas deslocações a consciência de desamparo, que os 'envolvidos' do M\_\_EIA aceitam

como condição. O considerado impossível torna-se, assim, em potência e possibilidade perante o aberto que se configura, numa instituição educativa que se permite enfrentar o ‘desconhecido’ tornando esse mesmo desafio como inevitável, desejável e realizável ainda que na lentidão do que vai acontecendo.

A heterogeneidade habita o próprio âmago do espaço homogêneo. A história não é um processo autodeterminado — LACLAU, 2005, p. 226

Retomando a memória vivida no caminho para a montanha, indo buscar a preciosa água, lembro a dificuldade da subida, a necessidade de vagar o passo, de aguardar a respiração adequada, pensando na importância dos burros que limitam à sua capacidade de transporte a água recolhida, e entendo como o M\_\_EIA tateia o mesmo caminho de poeira e aridez, recusando os modelos da falência acadêmica que configuram os sujeitos em vez de lhes proporcionar o aberto. Por isso se procuram as conflitualidades da escola nas ‘comunidades’ onde se confrontam as aprendizagens com o externo, procurando uma fusão que escapa, com dificuldade em as entender, tão construídos estamos pela história, tão ‘enlatados’ nos situamos perante o adverso, ou escondidos e fechados em nossas críticas puras sem enfrentar o terreno da negociação que a produção de realidade sempre acarreta. Mas é nessa negociação, de

interferência democrática no real, de adesão ao destino das comunidades em luta pelo seu futuro, perante a qual em muitas situações teremos de suspender o que nos instiga, que assume o sentido pleno a intervenção e a aprendizagem, onde o artístico se projecta no ‘processo’ e no ‘acontecer’, mais do que propriamente no ‘objecto’ ou na ‘obra’, que a maioria das vezes nem adquire ‘forma’.

E de como a fragilidade e volatilidade do corpo docente é também obstáculo e escassez, como a persistência da subida exigida, cansa, até porque depois de uma subida outra subida há, e sem um entusiasmo contagiante, a determinação cívica e o discernimento político e pedagógico do ‘corpo’ docente a desistência aparece e a caminhada desmerece antes de sequer se ver a nascente.

Sabe-se que a subida pela montanha exige a lentidão dos passos ritmados, o serpentear dos caminhos, um inevitável cansaço, mas reconhece-se que conquistado o caminho, tudo tem sentido: o afogar da sede na água cristalina, o silêncio pleno que povoa as mentes de sentido, a suspensão do tempo e a fruição límpida do olhar, a contemplação do polifônico sublime.

Nunca se chega à tranquilidade — quer dizer, a um final — HAN, 2007, p. 23

— REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCHOT, Maurice (1959). *Le Livre à Venir*. O Livro Por Vir. São Paulo: Martins Fontes, 2013. [Tradução de Leyla Perrone-Moisés]
- BRUNEL, Sylvie (1997). *Ceux qui vont mourrir de faim*. Os que vão morrer de fome. Campo das Letras, 1998. [Tradução de Elsa Andriga]
- CERTEAU, Michel (1990). *L'Invention du quotidien: 1 arts de faire*. A invenção do quotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. [5. edição, Tradução de Ephraim Ferreira Alves].
- CUCHE, Denys (1999). *La notion de culture dans les sciences sociales*. A noção de cultura nas ciências sociais. Lisboa: Fim de Século Edições, 1999. [Tradução de Miguel Serras Pereira.]
- HAN, Byung-Chul (2007). *Duft der Zeit: Ein philosophischer Essay zur Kunst des Verweilens*. O Aroma do tempo: Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora. Lisboa: Relógio D'Água, 2016. [Tradução de Miguel Serras Pereira.]
- LACLAU, Ernesto (2005). *On populist reason*. A razão populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- MOUFFE, Chantal (2007). *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: Universidade Autònoma de Barcelona.
- PAIGC (1974). *Sobre a situação de Cabo Verde* [relatório apresentado ao Comité de Descolonização da ONU em 29 de Março de 1974]. Livraria Sá da Costa Editora.
- SAID, Edward (1993). *Representations of the Intellectual: The Reith Lectures*. Representações do Intelectual: As Palestras de Reith. Lisboa: Edições Colibri, 2000. [Tradução de Teresa Seruya.]
- SCOTT, James C. (1992). *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. A Dominação e a Arte da Resistência: Discursos Ocultos. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013. [Tradução de Pedro Serras Pereira].